Provas Especialmente Adequadas Destinadas a Avaliar a Capacidade
para a Frequência dos Cursos Superiores do Instituto Politécnico de Leiria dos Maiores de 23 Anos - 2020

Prova escrita de conhecimentos específicos

de HISTÓRIA

Instruções gerais

1. A prova é constituída por seis (6) grupos de questões, dos quais **deve escolher apenas quatro (4)**.

2. As questões escolhidas devem ser identificadas de forma clara.

3. A duração da prova é de 2 horas, estando prevista uma tolerância de 30 minutos.

4. Só pode utilizar as folhas distribuídas pelo docente vigilante, tanto para a elaboração das suas respostas como para efetuar os seus rascunhos.

5. Não utilize qualquer tipo de corretor. Se necessário, risque ou peça uma troca de folha.

6. Não é autorizada a utilização de quaisquer ferramentas de natureza eletrónica (telemóvel, *ipad*, computador portátil, leitores/gravadores digitais de qualquer natureza, ou outros não especificados).

7. Deverá disponibilizar ao docente vigilante, sempre que solicitado, um documento válido de identificação (cartão de cidadão, bilhete de identidade, carta de condução ou passaporte).

8. A seguir a cada questão encontra, entre parênteses, a respetiva cotação.

Leiria, 20 de junho de 2020

GRUPO 1

Documento A

Por volta de 1185, e a propósito de Batalha de S. Mamede (1128), um cónego regrante do Mosteiro de S. Cruz de Coimbra escrevia sobre D. Afonso Henriques o seguinte:

"... O grande e ilustre varão (...), um homem valente na guerra (...), mui prudente nas suas ações, de inteligência esclarecida (...), todo católico na fé de Cristo, respeitador dos ministros da religião, muito benévolo e devoto (...). Com o auxílio do Senhor, pela bondade divina, mais pela sua diligência e trabalho do que por auxílio ou vontade dos pais, tomou na sua mão forte o reino de Portugal. Porquanto morto seu pai, o conde D. Henrique, (...) alguns indignos estrangeiros usurpavam o governo de Portugal, com o consentimento de sua mãe, a rainha D. Teresa, querendo ela própria presunçosamente governar no lugar do seu marido, afastando o filho dos negócios do reino. [D. Afonso Henriques] de maneira nenhuma sofria esta afronta demasiadamente vergonhosa, tendo convocado os seus amigos e os mais nobres de Portugal, que sobremaneira preferiam o governo dele ao da mãe e dos indignos estrangeiros, travou com aqueles batalha no campo de S. Mamede."

Texto adaptado de "Anais de D. Afonso, rei dos portugueses", in Fr. António Brandão, *Monarquia Lusitana*, vol. III, ed. fac-similada, com introd. de A. da Silva Rego e notas de A. Dias Farinha e Eduardo dos Santos. Lisboa, 1973, pp. 272-133.

Documento B

Cronologia
1128 – Batalha de S. Mamede
1143 – Tratado de Zamora
1147 – Conquista de Lisboa, Santarém e Sintra
1179 – Bula *Manifestis probatum*, do papa Alexandre III

1.1. Integre a análise dos documentos A e B no âmbito da ação de Afonso Henriques no processo de formação do reino de Portugal. [5 valores]

GRUPO 2

Documento C

Pois nossas madres vão a São Simão
de Vale de Prados candeias [velas] queimar,
nós, as meninas, punhemos [tratemos] d'andar
com nossas madres, e elas então
queimem candeias por nós e por si,
e nós, meninas, bailaremos aí.

Nossos amigos todos lá irão
por nos ver e andaremos nós
bailando ant'eles [perante eles] fermosas em cós [sem manto];
e nossas madres, pois que lá vão,
queimem candeias por nós e por si,
e nós, meninas, bailaremos aí.

Nossos amigos irão por cousir [ver]
como bailamos e podem ver
bailar [aí] moças de bom parecer;
e nossas madres, pois lá querem ir,
queimem candeias por nós e por si,
e nós, meninas, bailaremos aí.

Pero Viviães (final do séc. XIII), Cantiga de Amigo, texto modernizado
Cancioneiro da Biblioteca Nacional, n.º 735 e *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 336.

Documento D

Ai senhora fermosa! por Deus
e por quão boa vos El fez,
doei-vos [tende dó] alguma vez
de mim e destes olhos meus
que vos viram por mal de si,
quando vos viram, e por mi.

E porque vos fez Deus melhor
de quantas fez e mais valer,
querei-vos de mim doer [ter dó]
e destes meus olhos, senhora,
que vos viram por mal de si,
quando vos viram, e por mi.

E porque o al nom é rem [E porque tudo o resto é sem valor],
senão o bem que vos Deus deu,
querei-vos doer do meu
mal e dos meus olhos, meu bem,
que vos viram por mal de si,
quando vos viram, e por mi.

D. Dinis (1261-1325), Cantiga de Amor, texto modernizado
Cancioneiro da Biblioteca Nacional, n.º 518 e *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 121
In *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*, Coord. Graça Videira Lopes, Base de Dados disponível em http://cantigas.fcsh.unl.pt

2.1. Integre a análise das duas cantigas numa caracterização da cultura medieval portuguesa. Considere os seguintes quadros de produção cultural: cultura trovadoresca, cultura cavaleiresca e cultura popular. [5 valores]

Grupo 3

Documento A

"O vintismo: realidades e estrangulamentos

A revolta do Porto e a adesão subsequente das províncias foram produto de uma coalizão de descontentamentos, com motivações e tipificações irredutíveis, que iam da direita marginalizada à esquerda irredenta, dos fidalgos transmontanos e beirões à inteligência radical de Lisboa. (...)

As eleições (Dezembro de 1820) e a instalação das Cortes Constituintes (Janeiro de 1821) arrumaram as forças liberais em três alas: os moderados (entre os quais se infiltraram autênticos reaccionários), os gradualistas e os radicais.

Não havia discrepâncias significativas entre essas alas pelo que respeitava aos direitos e garantias individuais, aos direitos e liberdades cívicas e políticas, à separação dos poderes do Estado, à liberdade de imprensa em matéria estranha ao dogma e à moral, ao carácter electivo, por sufrágio popular, do Parlamento e dos órgãos da administração local, e à igualdade dos cidadãos perante a lei, perante o foro e perante o acesso aos cargos políticos.

Havia, porém, discrepâncias entre os moderados, de uma parte, e os gradualistas e radicais, de outra...

(...) As contradições das forças liberais em movimento no interior do vintismo impediram as plataformas de governo e de programas de governo". (...)

Não houve a inteligência de que as revoluções em regime liberal não se fazem sem maiorias substanciais. E a maioria substancial é um mito sem a mediação de um compromisso histórico". (Dias, 1890, p. 273)

3.1. Analise o documento e explique a passagem da convergência de posições à bipolarização do país, no contexto das dificuldades de implantação da ordem liberal.

[5 valores]

Grupo 4

Documento A

"Um discurso reformador

Mouzinho da Silveira é um homem da civilização europeia ocidental, oitocentista. (...)

A vida redentora, revelada pelas "luzes do século", é o trabalho.

Será através dele que se poderá ultrapassar o fosso cavado entre Portugal e os expoentes da civilização, isto é, os expoentes da riqueza material e do bem-estar social. (...) Além disso, trabalho individualmente executado, subordinado a fins individual e subjectivamente definidos (que visam o alcance da riqueza individual), mas que, ao ser a marca social da vida do homem, transforma o indivíduo num membro do corpo político que é a Nação, em suma, num cidadão. (...) Mas também com deveres para com o enquadramento social que lhe dá existência. Tudo isto, numa base de estrita igualdade formal (...), de total liberdade (...), de justiça e de ordem (definidas pelo conjunto de leis em vigor). (...)

Torna-se necessário deixar que o cidadão trabalhe para si, porque, trabalhando para si, o cidadão trabalhará para o bem da Nação. Porém, este princípio, simples e claro na sua formulação, é de difícil concretização prática numa sociedade onde as pessoas não podem livremente dispor de si mesmas, ou dos objectos que de uma ou outra forma estão sob o seu controlo. (...)

Porém, acabar com o velho, o feudal, e criar o novo, o moderno, exige a conceptualização do novo em termos de princípios gerais. E Mouzinho tem-nos". (Brandão e Feijó, 1980, pp. 242- 245)

4.1. Analise o documento e explique de que forma a legislação de Mouzinho da Silveira servia de base à nova ordem social e económica preconizada pelos liberais. [5 valores]

GRUPO 5

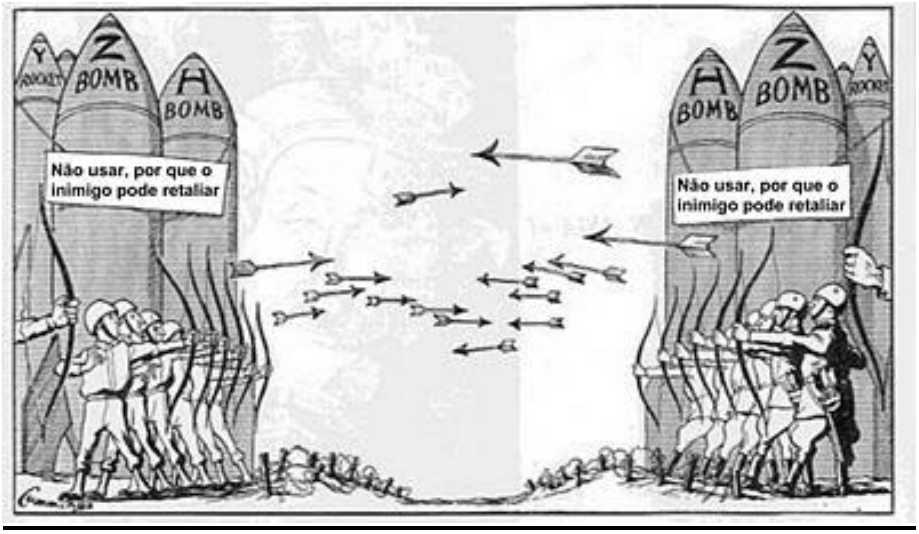
Documento A:

Eric Hobsbawm (*A Era dos Extremos*,2017, p.226) escreveu o seguinte texto, sobre a Guerra Fria:

"...A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso. Apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças, no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado na sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou exercia sobre ela influência predominante – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliar o seu âmbito de influência pelo uso de força militar. Os EUA exerciam controlo e predominância sobre o resto do mundo capitalista, alem do hemisfério ocidental e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceite de hegemonia soviética."

Documento B:

Cartaz relativo à política de dissuasão, levada a cabo durante a Guerra Fria, entre as duas potências líderes.



5.1. Analise os Documentos A e B e comente a primeira afirmação do autor, começando por caraterizar a Guerra Fria. Nesta caraterização, deve referir as políticas de dissuasão (Documento B) e de contenção (integrada no Documento A) [5 valores]

GRUPO 6

Documento A:

Num livro recente, Raquel Varela tem um capítulo sobre a" Revolução dos Cravos", onde exprime as seguintes ideias:

"… Incapaz de se reformar, o regime caiu pelas Forças Armadas, em particular os oficiais intermédios, e a burguesia portuguesa ficou no limite de perder o Estado como instrumento para contrariar a revolução. Revolução que nesse dia subiu atrás da coluna do capitão Salgueiro Maia – contra as ordens prévias do MFA, que, na televisão e na rádio, pedia «ao povo para se manter em casa». Encurralado no quartel do Carmo, o ditador Marcelo Caetano rogou que o deixassem entregar o poder a um general.
Tinha ruído a mais longa ditadura europeia do século XX, sob a mais completa humilhação. "

R. Varela (2019). *Breve História da Europa. Da Grande Guerra aos nossos dias.* Lisboa: Bertrand Editora, p. 207.

6.1. Analise o texto e comente o último parágrafo, onde a autora se refere ao regime deposto, como tendo caído "sob a mais completa humilhação". [5 valores]